**Gravação: audio\_entrevista\_4\_sara.docx**

**Duração: [00:31:58]**

|  |  |
| --- | --- |
| **Legenda** | **Descrição** |
| (comentário aqui) | Comentários do transcritor. Exemplo: (vozes sobrepostas). |
| [00:00:00] | Marcação do tempo onde se inicia uma fala. |
| (inint) [00:00:00] | Trecho não compreendido com clareza. |
| ahãm, uhum | Interjeição de afirmação, concordância. |
| hã | Interjeição de dúvida, incompreensão ou reflexão. |
| Orador A | (Yasmine) Braga Teodoro |
| Orador B | Sara |

**Início da Transcrição [00:00:03]**

Orador A: Hoje é dia 04/01, gravação da quarta entrevista pra pesquisa educação vigiada, as implicações do uso das plataformas digitais, é-é, entre professores da educação básica de Mato Grosso do Sul, executada pela discente (Yasmine)? Braga Teodoro, sob orientação do professor Jacó Carlos Lima no programa de pós-graduação em sociologia da Universidade Federal de São Carlos. Você me autoriza a gravação da entrevista?

Orador B: Sim.

Orador A: Em qual município reside?

Orador B: Campo Grande.

Orador A: Como foi pra você o ensi, atuar no ensino remoto durante a pandemia da covid-19?

Orador B: Ah, foi bem ruim (rindo), foi bem complicado. É, a gente ficou sabendo, é, a gente ia parar só 15 dias. E aí, depois desses 15 dias, a gente não voltou. Então, a gente não tinha nenhum contato com o aluno, não tinha e-mail, não tinha nada, e não podia nada ser presencial. Então, foi bem ruim. A escola foi atrás, a gente começou, a escola foi atrás dos e-mails deles, a gente se comunicava por *e-mail*. Alguns professores tinham *WhatsApp*, foram criando alguns grupos. Mas, no princípio, a princípio foi bem-bem ruim, a gente ficou bem perdido sem entender, primeiro, o que estava acontecendo com o vírus e depois, com medo, né? De pegar, de-de acontecer alguma coisa com a gente. E na escola, daí, ficou um caos, primeiramente assim, foi bem depois, né? As plataformas foram surgindo, outros recursos foram sendo disponibilizados, mas eu acho que ruim é a melhor palavra que define.

Orador A: E quantas escolas você atuou no período?

Orador B: Eu tava em duas escolas.

Orador A: Como foi trabalhar durante a pandemia?

Orador B: Ah...

Orador A: Como foi o gerenciamento do seu tempo no ensino remoto?

Orador B: Então, aí, foi bem complicado, que no começo, a gente, até a gente entender o que a gente tinha que fazer. É, e outra, tinha muita preocupação também com os alunos que não tinham *internet*. Porque isso era um-um fato, né? Então, alguns eram por *e-mail*, outros como é que iam fazer, a gente começou a imprimir atividades. E aí, como eu tinha, eu tava com muita turma, acho que eu tava, sei lá, com umas 30 salas. E aí, foi muito difícil, foi quase impossível assim. O *WhatsApp*, eu ti, eu, um-um amigo falou, "Sara", eu, porque a gente fez os grupos pelo *WhatsApp*, uma das primeiras formas de organização. E aí, eu ti, eu estava em trinta grupos, mais o da coordenação, mais o das ciências humanas e mais da minha vida pessoal, que o meu celular é pra minha vida pessoal. E aí, eu lembro que eu perdi uma reunião, as reuniões eram online, eu perdi uma reunião porque eu não vi o recado do coordenador. E aí, a, um amigo falou," Sarah, tem um *WhatsApp* de negócios que é gratuito, que se você tiver outro chip, você pode utilizar". Eu falei, "será?" Ele falou, "é". Aí, eu falei, "ah", e peguei, coloquei e consegui com o *WhatsApp*, é, de negócios, fazer, deixar só pros alunos e-e conseguir também estabelecer um horário. Aí, era o meu horário de trabalho da manhã, e-e as turmas à noite. Porque invadiu muito, a gente não tinha horário, porque daí, a hora que o aluno respondia, falava: "bom, agora ele tá com *internet*, vou falar com ele". Só que 30 salas x 40, são muitos, eu nem sei fazer essa conta (risos); mas são muitos alunos. E eu lembro, que um dia eu tava respondendo aluno, uma hora da manhã. E aí, eu falei, "gente, eu acho que isso não vai dar certo". E as atividades, os cadernos, a maioria a gente tinha que corrigir os cadernos nas salas, na escola, e um dia pra você corrigir os cadernos; você tava sozinho na sala e corrigia os cadernos. Aí, tinha...

(Sobreposição de vozes)

Orador A: Vou te interromper, rapidinho. Você ia até a escola pra fazer um dia de correção de cadernos?

Orador B: Isso. Tinha um, uns alunos tinham prazo pra responder, e a gente tinha um-um prazo pra corrigir. Aí, tinha o medo do caderno tá contaminado, que a gente, na época, não sabia quanto tempo que o vírus ficava ou não. Então aí, a gente tinha que ir de luva, de máscara, pegar nos cadernos. E outros professores também já tinham-já tinham, é, tido contato com os cadernos, que eram por dias, né? E aí, pensa, com 30 salas, eu corrigi muito caderno, muito caderno. Foi assim, uma coisa assim, surreal, surreal. Teve dia que eu, ixi, chorei muito, várias vezes que eu falava assim, "gente, eu num vou dar conta". E fora isso, a gente preocu, né? A gen, entra, eu não consegui, a princípio, eu não consegui separar a vida pessoal da escola. Entrou assim, foi um, foi-foi um caos assim, foi bem difícil, até a gente conseguir se adequar; mas essa coisa do, da, corrigir caderno, fazer a... E fora isso, a gente tinha que preparar a aula pra ir pro caderno e a aula que ia pra plataforma. E tinham dúvidas depois, né? Foi organizada a plataforma do *Google*, é, e corrigir aí, as dúvidas da plataforma. E todo dia, tinha dúvida e daí, todo dia *WhatsApp*, dá aula no, alguns, o noturno em uma escola estabeleceu dar aula pelo *WhatsApp*. Então, no horário, entravam, e aí, você dava aula naquele horário. E, ao mesmo tempo, ali, os meninos perguntavam, tiravam dúvidas. Então, era aula e dúvida, e aula de outro professor. Foi assim, muita desorganização, e não teve separação, no começo, a vida pessoal não conseguiu, é... Na verdade, eu acho que a gente ficou sem tempo pra vida pessoal (risos), as coisas pessoais não estavam sendo feitas. Era assim, a gente ficou pra escola mesmo.

Orador A: Você perdeu pessoas próximas ou colegas de trabalho?

Orador B: Na, a gente perdeu uma merendeira da escola, que foi logo assim, umas, no primeiro mês da covid, a gente soube que ela faleceu. E aí, ficou tudo muito preocupado, com muito medo, né? É, familiares, não, né? Nem amigos próximos assim, mas da, do-do trabalho foi-foi a merendeira.

Orador A: Como que foi isso recebido na escola, na época?

Orador B: Ah, foi-foi bem ruim. Primeiro, porque ela era muito querida, né? Ela, é, a merendeira do noturno; e aí, quando veio a notícia, "como assim? Como assim?" E aí, num-num, na época, né? Num tinha velório, num tinha nada. E aí, ninguém sabia como fazer, a escola comunicou os professores e a gente queria, mas num-num podia. A gente não mandou flor, num-num fez uma, é, uma despedida, digamos assim, né? Num teve nada disso e os meninos... E aí, a gente ficou muito aflito, né? Porque é-é uma pessoa próxima do trabalho. A gente sabia, né? Que era perigoso, a covid, a pandemia. A gente tava, aqui em casa, a gente se cuidou bastante; mas quando alguém mais próxima assim, é, mor, é contaminado, né? E-e morreu por conta disso, a gente ficou bem, acho que mais assustado ainda. E os meninos também, né? Com medo aí, de ir na escola. Ela não, ela também, a escola toda foi afastada, ela também tava afastada da escola, né? Mas mesmo assim, foi bem triste, tanto pros professores, eu acho que essa questão de não poder se despedir de uma forma mais, ah, o simbolismo todo, né? Foi bem pesado. E os alunos também, tentando entender. A gente só falava, "foi covid, foi covid"; mas num sabia direito, né? O que que era.

Orador A: Sua escola, ela se organizou por grupo de *WhatsApp*, ela possui e como foi utilizado o *WhatsApp* nesse período?

Orador B: É.

Orador A: Se puder detalhar pra mim.

Orador B: Foi, a-a primeira coisa foi foram os e-mails, né? Aí, depois do *e-mail*, a gente foi pros grupos do *WhatsApp*, e a gente...

Orador A: Você quer falar um pouco como foi os *e-mails*?

Orador B: Posso falar. A gente veio pra casa, ficou os 15 dias sem aula, e aí, depois disso, não ia mais, a gente não voltou. O decreto foi acho que mais um mês. Eu não lembro direito, o período. Mas teve um outro decreto. E aí, a gente falou, "bom, então, agora, a gente tem-tem que fazer alguma coisa e sugeriram os e-mails. Porque eu acho que no cadastro da matrícula, os meninos colocam os e-mails ou os pais. Enfim, mas aí, a gente pegou os *e-mails* e a gente tinha listas, a coordenação organizou por série, as listas dos *e-mails*. E aí, e a gente não tinha o *e-mail* institucional também ainda, era o *e-mail* pessoal. E aí, a gente mandava o e-mail pro aluno, é, pra ali, aquela lista de *e-mail*, né? Pra vários. Primeiro A, e mandava pra todo mundo, segundo, primeiro B, pra todo mundo. E aí, as respostas, tinha dia que eu abri a minha caixa de *e-mail* tinha 300 *e-mails* novos, dos meninos respondendo, muitos não conseguiam abrir. E aí, era, é, a dúvida, "professora como faço a atividade?" E aí, as, algumas respostas vinham no assunto do e-mail, porque eles também não dominaram, não dominam. A gente fala, né? Que o jovem, é-é letrado no mundo digital, mas eles não dominam bem as, eles, acho que sabem, conseguem lidar com as ferramentas; mas na hora de-de ser mais formal assim, eles não-não dominam. Usa o *e-mail*, aí, respondia sem anexo os, as respostas mesmo no assunto do *e-mail*. É, e aí, era uma preocupação porque a caixa de *e-mail* não-não podia encher, porque se enchesse, eles iam mandar e eu não ia receber. Então, por dia, os 300 e-mails, mais, mais de 300, né? Mas assim, você dormir, no outro dia tem 300, aí, você ia limpando e ia chegando, e tendo que anotar pra ver quem fez, quem não fez, né? As atividades não tavam sendo, é, eu, pelo menos, num-num corrigi criteriosamente, assim. A gente tava mais querendo ver se o aluno tava fazendo, se ele tava conseguindo, né? Mas tinha muito, teve muita dúvida de como baixar um anexo, de como responder no anexo; eles não respondiam no anexo, respondiam... Foi assim, bem-bem complicado. E alguns, usa, tinham e-mail de pais também. Alguns pais. Eu não sei se é porque o aluno não tinha *e-mail*. Mas eu lembro também que alguns e-mails vinham nos e-mails do pai, e-mail de trabalho dos-dos responsáveis, assim. E aí, essa-essa foi a primeira forma que a gente achou de não perder o contato do aluno. E aí, depois disso, a gen, a-a escola organizou os grupos dos *WhatsApp*. Algumas salas já tinham. Eles fazem grupo da turma logo que começa o ano, né? Vão pegando, vão passando.

Orador A: Era um grupo por sala?

Orador B: Era um grupo por sala. E a coordenação, é, aí, alguns professores tinham contato, a gente foi-foi colocando. Inclusive, nos, tinham pais também, é, nesses grupos, é, de *WhatsApp*. No matutino, a gente não dava aula por *WhatsApp* em nenhuma das duas escolas que eu estava; mas no noturno, é, no-no seu horário, você tinha que entrar no *WhatsApp* e dar aula e-e aí, é isso, né? Eles tinham muitas dúvidas, e além do, dos grupos, né? Você tinha de responder às dúvidas deles. Então assim, no começo, o *WhatsApp* foi bem-bem complicado também, porque a gente não parava de receber notificação assim; foi uma coisa bem. E aquela sensação de, "puts, ele só-ele só perguntou agora, porque ele tá com a *internet* agora, vou responder agora. Ai, eu, putz, se eu não responder agora"... Mesmo não sendo o horário de trabalho, né? E-e a gente ficou sem horário de trabalho, porque a gente tava respondendo... Imagina 300 *e-mails*, você responde numa manhã, você respondeu 100, tentando corrigir, tentando entender o que eles tavam dizendo, né? E no *WhatsApp*, foi-foi a mesma coisa também.

Orador A: E quais foram as estratégias pra manter a participação dos estudantes durante o ensino remoto?

Orador B: Então, isso eu lembro que a gente teve várias reuniões com os professores.

(Sobreposição de vozes)

Orador A: As reuniões eram presenciais?

Orador B: Não, não, não, online, todas *online*, as reuniões online com os professores tentando, é, discutir exatamente isso, como manter os alunos, é, ali, presentes, né? É, no, aí, a, essa possibilidade aí, de dar aula, é, pelo *WhatsApp*, e o aluno que participasse, eu lembro que ele ganhava ponto. No noturno, a gente tentou criar essa estratégia em uma escola. E aí, na outra escola pela manhã, eu não lembro; mas eu lembro que na outra, na, eram duas escolas, né? Hum, mas uma delas é na periferia. E aí, era bem complicado, porque daí, a gente discutiu, discutiu; mas a gente não conseguiu achar muitas estratégias, a, além da, deles buscarem atividade na escola e responderem quando eles puderem. Porque eles não tinham acesso à *internet*. Tinha alunos com, a mãe saía pra trabalhar com o celular, aí, quando a mãe voltava, que eles podiam responder. Então, como é que a gente ia cobrar a participação desse menino durante a aula? Assim, foi bem complicado. Eu acho que a gente discutiu muito, e, pelo menos, nas escolas que eu tava, eu não sei se a gente chegou a alguma conclusão, assim. A gente foi-foi fazendo assim, "ó, nim-num desanima, quando você puder, responde". Eu lembro que em um, uma dessas, é, respostas presenciais, a apostila impressa, um menino respondeu, "professora, eu não consigo fazer isso, né? Falei, "não, o caderno de", era um caderno só com todas as matérias; mas eu-eu folheando, ele perguntou isso pra uma professora de matemática ou português, eu não lembro; e a professora respondeu, "olha, não-não desanime, não tem problema se você não souber, se você não conseguir; mas eu tô vendo que você tá aqui, que você tá tentando", é, foi assim. É, precariamente, o que a gente conseguia falar com eles ali, a gente foi tentando fazer assim; mas não sei se a gente teve um objetivo claro e uma metodologia clara, não.

Orador A: Sara, como você avalia o processo de expansão dos usos das-das tecnologias de informação e comunicação? E, especialmente, a utilização das plataformas digitais na educação?

Orador B: Então, na teoria, eu acho ótimo. Eu acho que a gente tá num mundo cada vez mais tecnológico, digital. E eu acho que é direito dos alunos terem acesso a esse tipo de-de conhecimento. Mas, aprenderem sobre isso, né? E saberem utilizar isso. Até porque depois, no próprio trabalho mesmo, né? Na própria universidade, eles vão ser cobrados disso. Mas, na prática, é uma catástrofe, né? Porque não funciona. Não funciona. Não só... Antes da pandemia, a gente já sabia, se você quer dar num *Data Show*, você perde a sua aula toda tentando achar o cabo do *Data Show*. Aí, a tomada num entra, o negócio num-num liga. Aí, você tem que achar o cabo que tá com outro professor, ou... É uma aula toda pra você conseguir ligar o notebook num *Data Show*. Então, e eu acho que esse é o recurso mais tecnológico que funciona na escola, precariamente; mas ainda é o *Data Show*. Porque salas de informática é terrível, terrível. Eu lembro que, teve uma época que a gente tinha que levar não sei quantas vezes o guri pra sala de informática. Eu já ia brava porque não funciona, e eu, ele liga o teclado, mas aí, o *mouse* não conecta. Aí, o teclado liga, mas a tela num-num liga. A *internet* zero, num funciona. O que você vai fazer sem *internet*, sem teclado? Aí, você tem 40 alunos, funcionam três computadores. Então, assim, teoricamente, é legal, eu acho que tem que existir nas escolas; mas na, a prática precisa ser melhorada assim, muito, muito. A gente tá muito atrasado em todas as tecnologias e recursos digitais na escola.

Orador A: Sara, você sabe como foi a, como que se deu, né? O processo, é, de parceria da *Google* com a Secretaria de Estado de Educação?

Orador B: Não sei. Eu sei que um belo dia, chegaram e falaram, "ó, agora é o *Google* plataforma, vocês têm um *e-mail* institucional, acesse e coloca lá". Agora, como foi feito, não.

Orador A: Quais foram as ferramentas que você mais utilizou? Na execução do seu trabalho.

Orador B: É, foi o *WhatsApp*, o *e-mail* e o *Google* Sala de Aula.

Orador A: E você recebeu algum tipo de informação da SED, ou da *Google* pra atuar durante o ensino remoto emergencial?

Orador B: Não. Que eu me lembre, não.

Orador A: Não recebeu. E vocês professores tentaram, em alguma medida, socializar algum tipo de informação a respeito da utilização dessas plataformas?

Orador B: Ah, sim.

Orador A: Se sim, como foi?

Orador B: Aí, todas né? O-o, eu sou casada com professor, né? E o Wesley, é, tem, entende muito da tecnologia mesmo, né? Ele gosta de baixar filme, não sei o que. Então, quando eu tinha dúvida, eu perguntava pra ele, e eu sabia que eram as dúvidas dos meus colegas também. Então, a gente nos grupos de *WhatsApp* de professores, a gente, "olha, no *Google*, tem essa ferramenta que você pode pôr o horário no, é, você pode pôr uma data de entrega, você pode compartilhar a mesma atividade pra todas as salas". A gente foi fuçando, é, eu, particularmente, pedi muita ajuda, e assim, eu ia compartilhando e meus amigos também, os-os professores, né? Meus colegas professores iam compartilhando os recursos, essas descobertas aí, do *Google*.

Orador A: Como você avalia o trabalho desenvolvido, mediado pelas plataformas digitais e aqueles que não foram? No caso das apostilas, né? Que você me relatou.

Orador B: É. Nas plataformas digitais, eu achei legal assim, porque a gente estava muito desorganizado. Tem uma organização muito boa. Você entra por sala, é, a resposta vai pra todos os alunos. Mas aquela coisa, os alunos tiveram muita dificuldade de utilizar. Eles não conseguiam baixar o arquivo que eu colocava, não conseguiam responder no arquivo. As perguntas não eram onde era pra ser. E assim, claro, os que tinham acesso à internet, né? Em uma escola funcionou, assim, razoavelmente, na outra, essa escola mais da periferia, foi-foi participação no, é, nessas plataformas digitais aí, foram pouquíssimas, assim. Foi-foi bem baixo, foi bem ruim. E as apostilas que eram, é, não eram digitais, né? Os meios físicos. Aí, os alunos respondiam, mas a gente teve muitas questões. A gente tinha, é, respostas, é, de adultos. A gente via, principalmente, pelas letras, pelo jeito de escrever, ou seja, tinha gente que nem tava fazendo a apostila, né? Muitas voltavam em branco, eles não-não respondiam nada. E aí, só colocava o nome. Eu acho que eles falavam, "ah, professor nem vai ver", e anotava só o nome. Aí, você abria lá, a sociologia tava em branco; respondiam só algumas. Não sei, mas assim, foi, também foi ruim. Mas foi o que a gente conseguiu, né? Foi o viável ali, o possível.

Orador A: E quais, é, as principais dificuldades encontradas? Você me relatou algumas. Eu queria que você, falasse especificamente.

Orador B: É, eu acho que a dificuldade é essa coisa do, é, de fazer educação, né? Eu acho que não dá pra ter educação sem o contato ali, é, com o aluno, né? Como é que você tira uma dúvida, eu ia na escola uma vez por mês pra ver os cadernos. Se ele tivesse alguma dúvida, eu só ia responder mês que vem. Os meninos nem tinham dúvidas. Eu acho que, no fundo, eles sabiam também que nem tinham como eles ter, terem dúvida, né? Então, e é essa coisa deles, muitas, muitos cadernos não eram feitos por eles, é, os cadernos em branco, né? As dificuldades, foram todas, as dificuldades de corrigir, porque em sala de aula você faz trabalho em grupo, você faz prova em dupla, você vai, você tem 30 salas, mas eu sempre dei conta de ter 30 salas. Na pandemia, essas 30 salas viraram, sei lá, 800, parecia que eu, de verdade, falei, "gente, eu não sei ser professora, eu não dou conta desse negócio". Foi bem-foi bem complicado.

Orador A: Tem algum ponto positivo? Ou alguns?

Orador B: Ahm, pontos positivos? Eu acho assim, que a gente tentou dentro do caos instalado, no que foi possível fazer, todos os professores fizeram. Assim, o que foi possível fazer, a gente fez. Eu acho que todo professor, é, comprometido, não teve um sossego nessa pandemia, de tentar falar com aluno de, né? A gente tentou assim, não sei se isso chega a ser positivo; mas eu acho que, pelo menos, a gente fez um mínimo ali, do mínimo.

Orador A: Tem alguma situação que aconteceu, que te marcou com o estudante, ou em relação aos professores, ou ao próprio trabalho que te marcou? E você gostaria de relatar?

Orador B: É, o, essa coisa do, logo depois que eles começaram a, é porque assim, a gente ficou isolado, mas o Campo Grande mesmo, ficou 15 dias, é, fechada, parada e logo depois, as coisas foram reabrindo, né? E eu lembro muito dos alunos, é, os alunos da escola pública, geralmente, trabalham mesmo, né? Mas muitos deles começaram a trabalhar mesmo, e eu sentia muito assim, uma debandada, meio que da escola, pros alunos irem trabalhar, né? E eu lembro de um dia, isso mais quando acho que a gente já tinha tomado até a primeira dose; mas a gente não tinha voltado ainda. É, eu fui comprar um salgado, e um aluno tava lá, e um aluno que a gente tava procurando, e ninguém sabia onde tava. E eu lembro que eu encontrei ele, falei, "menino, não desiste, vai pra escola. Como assim? E aí, eu comecei comprar salgado lá, mais frequentemente, pegando no pé dele pra ele, é, ir na escola, né? Ver o que que podia fazer pra ele não perder o ano. Ele tava no terceiro, lembra disso, ele tava no terceiro ano já, e eu lembro que ele voltou. Que ele foi na escola, conversou, a gente conseguiu, é, ajudá-lo. Foi uma ajuda mesmo assim, porque acho que, na verdade, né? Era pra ele não desistir. Né? De, depois, de ter já ter feito o ensino médio todo nesse caos, e isso foi legal, assim. Acho que foi uma das-das, é, das coisas que marcou, porque a gente estava com tanta debandada de aluno, né? Eles tiveram que começar a trabalhar pra ajudar em casa. A gente estava com tanta dificuldade de-de encontrá-los, e é encontrada, agora, esqueci o nome do menino. Mas a encontrada dele assim, e, é, tentar ajudar de alguma forma, isso foi legal. E a outra coisa também, foi a que a gente teve que comprar muita coisa na pandemia assim, isso foi bem-bem marcante. Aqui em casa, a gente tinha uma mesa só. A gente sempre teve um espaço pro escritório. Mas a gente só tinha uma mesa, porque eu tava fazendo doutorado, e aí, eu ficava estudando à tarde. E o Wesley, é, meu marido dava aula o dia todo. E aí, de repente, a gente só tinha, e a gente não tinha mesa na cozinha. De repente, a gente não tinha espaço. E aí, a gente teve que comprar, é, mobília pra casa, a *internet*, Wesley também pediu uma *internet* melhor, e esses apare, assim, mouse, coisa que eu nunca tive mouse, o, a gente tem *notebook*, né? O teclado do *notebook* pra ficar melhor. O, esse, eu tô falando com você pelo suporte no celular, que é coisa que a gente teve que comprar; isso foi uma coisa bem marcante assim, também. Que o escritório é todo renovado (risos), mas por conta da pandemia assim, por...

Orador A: Com relação ao trabalho, ficou algum resquício do trabalho remoto agora, pro trabalho presencial?

Orador B: Ah, e eu acho que, mas eu acho que tinha antes da pandemia também, né? Que é a-a intensificação dos grupos aí, do *WhatsApp*, né? Que daí, eu acho que eles são, é, os recados ou o que eles mandam você fazer fora de hora, você tá trabalhando fora do seu horário de trabalho. E isso, eu acho que ficou comum, assim. Eu acho que antes da pandemia tinham mais recados, agora, tem-tem, precisa fazer isso agora, e aí, acho que essa coisa do *WhatsApp* ficou. Inclusive, ah, é verdade. Os grupos das salas também ficaram. Mas eu-eu não participo. O meu, eu não tenho mais o-o *WhatsApp* de negócios, né? Que não tenho mais aquele número e meu *WhatsApp* é particular; eu não passo pra aluno, eu não uso. Mas os professores participam dos grupos, das salas e mandam até atividades por-por *WhatsApp*; eu não mando. Mas eu acho que esse-esse negócio do *WhatsApp* ficou, assim.

Orador A: É, você considera que as TICs, elas se constituem num avanço para a educação?

Orador B: É, eu acho que é-é relativo, né? É o que-é o que eu falei antes. É, na-na teoria, é uma coisa muito legal. Mas, na prática, é, não funciona. Se isso funcionar, né? Se a *internet* boa na escola. Quarenta computadores pra todo mundo usar, sem problema; eu acho que seria um grande avanço. Seria muito interessante. Mas até agora, não. Não é um avanço.

Orador A: E para o trabalho do professor?

Orador B: Hum. Ah, eu acho que é a mesma coisa, assim. É, pra eu conseguir usar as tecnologias no meu trabalho com os alunos, também preciso ter estrutura, né? E eu acho que é isso, sem-sem essas estruturas, num-num tem como.

Orador A: Sara tem mais alguma coisa que você gostaria de relatar?

Orador B: Ah, eu acho que é isso. Que foi, é, muito difícil trabalhar, é, ser professora de pandemia. Eu falo, "gente, se tiver uma outra pandemia, eu-eu-eu não (viro) [00:29:04] professora, eu saio". Porque, e aí é isso, eu tava fazendo doutorado e eu no primeiro ano, assim, eu não consegui; porque era uma coisa, eu não tinha tempo. Eu não-não sei explicar isso. Acho que só quem-quem passou por isso, consegue entender, né? É, a gente não tinha tempo pra fazer as coisas, eu precisava ler, precisava... Então, eu perdi uma, assim, perdi entre aspas, né? Mas ficou um ano muito bagunçado, é, porque... Tanto é que no outro, no ano seguinte, eu pedi redução de turmas, porque a gente ainda ficou seis meses, é, em casa. E depois que a gente ficou indo, ah, teve isso ainda, que a gente ficou uma, a gente ia uma semana com uma turma, e na outra semana, outra turma. Isso também acho que é legal de-de ficar registrado, porque também foi um caos, assim. Eu lembro, eu conversando com o professor, e eu falei, "gente, mas aí, você tem que repetir". Ele falou pra mim, assim, "eu não tô repetindo, não". Falei, "como que você não repete a aula?" Falou, "Sara, é muita coisa". E aí, uma turma tinha uma aula, outra turma tinha outra, e eu não-eu não conseguia, eu repeti as aulas, mas também com muito medo, né? E eu acho que a educação tem essa coisa do-do contato de você chegar na mesa, quando você vê, se já tá com a caneta do aluno. E aí, a gente ficou com medo de-de pegar a doença, né? Enfim, foi, eu acho que, no geral, foi isso. Muito desgastante pra-pra vida profissional. Ah, e uma coisa interessante também. Eu acho que o trabalho do professor é uma coisa muito central assim, é, na vida do professor, e, principalmente, quem gosta de ser professor. A gente gosta de tá na escola, de tá com o aluno, do contato. E quando a gente perdeu todo esse-esse prazer, a gente ficou só com os desprazeres; foi muito ruim também. Porque a sala de aula é puxado, a gente, é-é desgastante. Mas você tem o retorno, que é um aluno que fala, né? "Ai, que legal sua aula. Nossa professora, vi um filme, lembrei disso, ah"... É, ixi, são várias coisas: "professora, a senhora foi importante pra não sei o que, nã-nã-nã-nã". Na pandemia, a gente não teve esse retorno positivo, a gente teve só o fardo, só o... E foi assim, é, engraçado, eu senti várias vezes isso, e vi meus colegas muitas vezes, assim, muito desgostosos de tarem dando aula. Porque foi só-foi só trabalho, a gente não teve o retorno do contato do afeto mesmo ali, é, em nenhum momento, né? Eu acho que isso é uma coisa também importante de-de falar.

Orador A: Posso encerrar?

Orador B: Pode sim.

**Fim da Transcrição [00:31:56]**